

Técnica *Zabundeiro* de Daniel Guedes e Suas Contribuições para performance e Ensino do Pandeiro.

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

SUBÁREA: SA-5, Performance Musical

Thales Ferreira Pereira
Universidade Federal de São João del-Rei
contatothalespereira@gmail.com

Klesley Bueno Brandão
Universidade Federal de São João del-Rei
buenobrandao@ufsj.edu.br

Bruno Soares Santos
Universidade Federal de São João del-Rei
bruno.santos@ufsj.edu.br

Resumo. Este trabalho apresenta o ‘Zabundeiro’, uma técnica estendida de pandeiro desenvolvida pelo percussionista Daniel Guedes, propondo possíveis contribuições desta técnica no ensino e na performance desse instrumento. No intuito de trazer a voz do criador da técnica para este trabalho, fez-se necessária a análise de materiais produzidos pelo próprio Daniel Guedes especificamente para esta pesquisa: vídeos que exemplificam a metodologia usada no ensino da técnica, bem como uma entrevista. Este trabalho se inicia com uma breve contextualização na qual se apresenta o criador da técnica Daniel Guedes. Na seção seguinte, apresenta-se uma descrição da técnica Zabundeiro para depois serem enumeradas algumas contribuições do Zabundeiro para o ensino do instrumento. Por fim, se delineiam caminhos que possam ser futuramente explorados. Vale ressaltar que esse trabalho é produto de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo início se deu ainda na graduação de um dos autores.

Palavras-chave. Pandeiro Brasileiro, Técnica Estendida, Ensino da Percussão.

The *Zabundeiro* Technique by Daniel Guedes and Its Contributions to Pandeiro Performance and Teaching.

Abstract. This study presents the "Zabundeiro," an extended pandeiro technique developed by percussionist Daniel Guedes, proposing possible contributions of this technique to the teaching and performance of the instrument. In order to bring the voice of the technique's creator into the research, it was necessary to analyze materials produced by Daniel Guedes specifically for this study: videos exemplifying the methodology used in teaching the technique, as well as an interview. The work begins with a brief contextualization



introducing Daniel Guedes, the creator of the technique. The following section offers a description of the Zabundeiro technique, followed by a discussion of some of its contributions to the teaching of the instrument. Finally, the study outlines potential avenues for future exploration. It is worth noting that this work is part of an ongoing master's research project, which began during the undergraduate studies of one of the authors.

Keywords. Brazilian Pandeiro, Extended Technique, Percussion Education.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo central a apresentação do Zabundeiro e seu possível potencial no ensino do pandeiro. O Zabundeiro é uma técnica estendida de pandeiro desenvolvida pelo percussionista Daniel Guedes, que se dá através da utilização de uma baqueta na parte inferior do pandeiro, para percutir o corpo do instrumento, o aro de madeira, também conhecido como “fuste”. A baqueta é manipulada pela mão que segura o pandeiro, enquanto o polegar e os dedos anelar e mínimo suportam o instrumento, os dedos indicador e médio executam os ataques com a baqueta. Como se percebe na figura abaixo:

Figura 1: Foto feita por Daniel exibindo detalhes de como se segurar o pandeiro e a baqueta durante o Zabundeiro.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Nesse sentido, de início se faz importante a reflexão acerca do que possa ser uma técnica estendida. De acordo com Amy K. Cherry (2009), trata-se da possibilidade de se extrair sons inesperados a partir de um instrumento tradicional.

A esse respeito, cabe problematizar acerca do contexto cultural no qual um instrumento é utilizado, pois, a depender desse contexto certos comportamentos sonoros serão corriqueiros pelo fato de terem sido cristalizados, enquanto que em outros contextos/repertórios, os mesmos comportamentos sonoros poderão ser pensados como técnicas estendidas. Dessa maneira, o uso do pandeiro no contexto da música sinfônica e no universo do gênero musical choro, pode ser um exemplo. Essa temática será explorada mais adiante neste artigo.

Importante salientar que por mais que o uso das técnicas estendidas tenha se tornado abundante em variados repertórios da música de concerto e também da música popular ao longo do século XX nos mais variados instrumentos e formações instrumentais, vale ressaltar que, de acordo com Martinêz Galimberti Nunes (2013, p. 15):

A história das técnicas estendidas se confunde com a história da autonomia instrumental na música ocidental. Teve início por volta de 1580, na Camerata Florentina, quando as experiências em recriar o drama grego, inventando assim a ópera, criaram a autonomia instrumental, ou seja, certos sons só podem ser produzidos por certos instrumentos. Inicia-se, assim, o interesse pelo desenvolvimento dos recursos sonoros instrumentais. (Nunes, 2013, p.15)

Ao se pensar no uso tradicional do pandeiro na música de concerto é possível perceber a cristalização de comportamentos técnicos de seu uso a partir das demandas colocadas pelos repertórios. Segundo Thiago Soares Lamattina (2024), as técnicas tradicionais do pandeiro no contexto da música sinfônica seriam:

Técnica de uma mão, na qual o instrumento é segurado com uma das mãos, sendo utilizada a outra mão, aquela em que o sujeito tenha maior destreza (mão dominante) para percutir na pele do pandeiro próximo ao aro. No que tange à mão dominante, “deve-se juntar os dedos polegar, indicador, médio, anular e mínimo, imaginando a forma de um bico de pato” (Lamattina, 2024, p. 44).

Técnica de punho e joelho, na qual o instrumentista eleva uma de suas pernas apoiando seu pé “sobre um pequeno apoio com uma altura confortável, uma vez que envolve o uso do



joelho. O pandeiro será tocado alternando toques entre a mão e o joelho. A mão dominante irá tocar na parte de trás da pele e o joelho na frente da pele” (Lamattina, 2024, p. 45).

Técnica de duas mãos e técnica dos dedos no aro, diferente das técnicas já mencionadas, nessa o instrumentista coloca o pandeiro “sobre os joelhos, posicionando o antebraço na borda para equilibrar e controlar o instrumento” (Lamattina, 2024, p. 46), para se tocar são então utilizados o punho e os dedos.

Já no uso tradicional do pandeiro na música popular brasileira, nota-se o emprego de técnicas bem diferentes destas elencadas acima. No tocante às técnicas utilizadas pela mão que percute o pandeiro, tem-se que na parte superior da mão, utilizam-se os dedos, especialmente próximos ao aro, para evidenciar o som metálico das platinelas, enquanto que na parte inferior da mão, destacam-se o punho e o polegar: com o punho, toca-se também próximo ao aro, priorizando o som das platinelas em relação ao da pele; com o polegar, a execução ocorre na borda do instrumento, produzindo um som grave (Lamattina, 2024, p. 37 - 38).

Outras técnicas importantes recorrentes no pandeiro da música brasileira incluem o tapa, realizado com a mão aberta no centro da pele, gerando um som mais forte e seco, e o rulo com a ponta do dedo, que consiste em pressionar levemente e deslizar o dedo sobre a pele, promovendo um som contínuo das platinelas. Além da técnica com o polegar, o som grave também pode ser obtido ao percutir o pandeiro com o dedo médio, ligeiramente acima do centro da pele (Lamattina, 2024, p. 38 - 39).

A partir de tais constatações, pelo fato do uso do pandeiro no Zabundeiro ser bastante diferente dos acima mencionados, ele é aqui proposto como uma técnica estendida no contexto da música brasileira, podendo também ser utilizado no contexto da música de concerto, caso alguma peça venha a ser escrita para tal uso.

Assim posto, parece bastante pertinente para a abordagem deste artigo a definição de técnica estendida proposta por Daniel Vasconcellos (2013, p. 14), segunda a qual “as técnicas estendidas seriam o equivalente ao que são os neologismos no campo da linguagem”. Dessa maneira, assim como um neologismo, o Zabundeiro surge da necessidade estética de um músico performer de criar novas ferramentas interpretativas, para concepções musicais não contempladas pela estrutura tradicional da linguagem musical que antecede a sua aparição.



O pandeiro é um dos instrumentos percussivos mais populares na música brasileira. Uma das justificativas para este fenômeno é a sua forte ligação com gêneros e manifestações musicais de grande importância para o cenário da música brasileira.

Ao se vincular a estes ritmos tradicionais brasileiros, ou seja, ritmos que se mantêm vivos e se constroem como referências identitárias de nosso amalgamado cultural, o pandeiro se torna uma das peças de grande influência na construção do complexo da cultura popular brasileira.

Para elencar algumas das manifestações musicais brasileira que funcionam como elementos de representação simbólicos de nossa cultura nas quais é notória a presença do pandeiro, pode-se mencionar: a Capoeira, o Samba, o Frevo, o Choro, o Forró, o Bumba meu Boi entre outros. Nesse sentido, por trazerem na gênese de suas estruturas a presença do pandeiro, pode-se perceber tal instrumento como um possível “logotipo da música popular brasileira” (Lacerda, 2007, p. 14).

É importante evidenciar que apesar de sua forte relação com a nossa cultura o pandeiro não está presente tradicionalmente na cultura dos povos indígenas do Brasil tendo sido trazido pelos portugueses durante o processo de colonização. Entre outros motivos, esta informação se torna relevante uma vez que o mote para o desenvolvimento da linguagem do pandeiro brasileiro tem como forte característica, sua flexibilidade, que o permite absorver as mais diversas influências. Assim como ele chega ao Brasil, já miscigenado e inundado de três fortes matrizes culturais sendo elas a africana, a árabe e a europeia.

Na atualidade, o pandeiro segue o fluxo de suas construções no mesmo sentido, transcendendo as linguagens tradicionais e se tornando um instrumento cada vez mais versátil, no qual se permite performar variados estilos de música, independentemente de sua matriz cultural.

A técnica iluminada por este trabalho pode contribuir para o processo de expansão de uso do referido instrumento e, portanto, seu estudo pode ser proveitoso nas variadas linguagens musicais.

Uma das necessidades de investigar as potencialidades de emprego de novas técnicas e usos do pandeiro é que, não é possível se saber o impacto nas futuras performances do instrumento e nas possibilidades de ensino do mesmo se a perspectiva em questão não for divulgada e pesquisada.



No tocante à linguagem do pandeiro contemporâneo, pode-se notar inovações técnicas, dentre as quais algumas propostas por Marcos Suzano. Nesse sentido, a democratização dessas inovações se tornou possível por sua ampla visibilidade no campo performático que vem se tornando temática em variadas pesquisas acadêmicas tais como Lamattina (2024), Barbosa (2015), Potts (2012) entre outros.

Marcos Suzano é pandeirista/percussionista brasileiro, famoso por contribuir para a difusão do pandeiro em todo mundo, ganhando destaque especial por suas inovações na percepção do instrumento. Para além da performance, suas contribuições mais evidentes foram a técnica invertida e o uso do pandeiro amplificado, assim como a Autora Katiusca Lamara dos Santos Barbosa (2015) nos elucida em sua dissertação:

As inovações técnicas na performance de Marco Suzano podem ser resumidas em dois elementos-chave: o primeiro é o uso da técnica invertida. Para isso, ele inicia as levadas com a ponta dos dedos e não com o polegar, como é geralmente usado pela maioria dos pandeiristas. O segundo é o uso de equipamentos eletrônicos que servem para melhorar a captação e amplificação do som. Reunidos, esses elementos técnicos e tecnológicos possibilitam o controle do som e a diversificação das possibilidades timbrísticas (Barbosa, 2015, p.13).

Tais questões se refletem diretamente no âmbito do ensino do pandeiro, uma vez que ao surgirem inovações técnicas do instrumento há de se pensar em formas eficientes de se transmitir este novo conhecimento.

Desta forma, percebe-se que a investigação e divulgação do Zabundeiro, por permitir que mais pesquisadores possam despertar interesse sobre o tema, pode ampliar o número de pesquisas voltadas para a busca das possíveis contribuições que o Zabundeiro pode oferecer para o enriquecimento do universo idiomático do pandeiro e das formas de pensar seu ensino. A seguir, apresenta-se um pouco da história do criador do Zabundeiro no que se refere ao contexto de seu advento.

Daniel Guedes e o Zabundeiro

Daniel Guedes é percussionista residente em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2001 começou a frequentar o projeto Tambolelê, foi a partir daí que sua trajetória como percussionista se iniciou. Segundo o próprio Daniel, seu principal mentor no processo com a



música e a percussão foi Sérgio Pererê, esse também o responsável por trazer para seus olhos o brilho com que olha para o pandeiro. Ele nos diz que o disco “Olho de peixe” lançado por Marcos Suzano e Lenine em 1993 foi de enorme relevância para sua construção como pandeirista e, portanto, também para a criação da técnica abordada por este trabalho.

Ao abordarmos a criação da técnica do Zabundeiro, voltamos ao projeto Tambolelê pois foi em sua sede que Daniel colocou uma baqueta embaixo do pandeiro e despretensiosamente criou o Zabundeiro.

No vídeo denominado: “RELATO AUTOBIOGRÁFICO DO PERCUSSIONISTA DANIEL GUEDES (CRIAÇÃO DA TÉCNICA ZABUNDEIRO)” publicado na plataforma de streaming youtube, Daniel traz o seguinte relato:

Comecei a colocar clave reta primeiro, só marcando o tempo. Daí, pensei: e se eu fizesse tipo o teleco teco do tamborim?! Naturalmente foram surgindo várias ideias de clave, de samba, bossa, samba de roda, forró, xote, maracatu, xaxado e grooves. O nome veio junto dos ritmos de forró, por isso a ligação de zabumba e pandeiro (Zabun-deiro) (Guedes, 2022).

O Zabumbeiro foi documentado como produto fonográfico tendo seu primeiro registro feito em 2007 na faixa “embolada de Pernambuco”, no disco “Os Cocos” do grupo Ouricuri.

Nas palavras do autor Daniel Guedes (2022): “Zabundeiro é a mescla de ritmos da zabumba, adaptada para o pandeiro. Uma junção de claves e levadas, a baqueta em baixo cumpre, tanto o papel do bacalhau da Zabumba, quanto das claves principais dos ritmos como; samba, maracatu, salsa entre outros”.

Percebe-se então, que o Zabundeiro, permite que o pandeirista venha a executar mais de uma linha rítmica ao mesmo tempo, ampliando seu caráter polifônico e polirrítmico e por tanto, pode-se dizer que, a utilização do pandeiro como ferramenta para o ensino de tais elementos se amplia simetricamente.

As demandas advindas para o estudo do Zabundeiro

Uma vez apresentado um pouco do Zabundeiro, torna-se possível a partir de então elucidar com mais clareza como essa técnica pode ser utilizada enquanto ferramenta para o aprendizado de outros elementos do fazer musical.



Ao se adicionar uma baqueta à performance do pandeiro, adiciona-se também um elemento sonoro que outrora não existia, uma nova função para a mão que segura o pandeiro, que possibilita a execução de uma linha rítmica complementar ou ainda, uma voz independente da linha que se performa de maneira convencional no pandeiro.

O uso da baqueta sob o pandeiro pode aumentar a fidelidade de reprodução de alguns ritmos performados em outros instrumentos, é o que se dá quando utilizamos o Zabundeiro para performar ritmos executados no Zabumba. No ensino destes ritmos no pandeiro o Zabundeiro passa a ser ferramenta para um melhor entendimento da linguagem por trás de cada um destes estilos como: forró, baião, xote, entre outros.

Cabe observar que o Zabundeiro levanta uma outra questão para o ensino e estudo do pandeiro, pois agrega mais uma função à mão que segura o instrumento. Se antes a mão que segura o pandeiro era responsável pela manipulação das platinelas, e também por gerar efeitos, tais como alterar a duração das notas, ou ainda alterar a afinação, agora ela passa também a fazer o manejo da baqueta para percutir no corpo do instrumento agregando assim um timbre que não poderia ser obtido apenas pelas mãos e o pandeiro, além de aumentar as exigências de coordenação para quem pretenda se valer de seu uso.

Portanto, tem-se que para cada nova possibilidade trazida pela técnica, surge a necessidade de se pensar uma forma para seu ensino, visando explorar com eficiência as contribuições do Zabundeiro para a formação de quem estuda o pandeiro. Importante ressaltar que podemos utilizar desta técnica para o ensino de outras habilidades proveitosas ao fazer musical, como por exemplo a independência entre membros e a leitura rítmica a duas ou três vozes.

Para exemplificar a técnica e perceber possíveis contribuições para o ensino e estudo do pandeiro, serão utilizadas algumas transcrições feitas a partir de vídeos enviados por Daniel Guedes. Tais vídeos são exemplos de aplicações do Zabundeiro em lugares já pensados e utilizados por ele, assim como, os primeiros exercícios pensados por ele para o ensino, estudo e desenvolvimento de sua técnica.

Ao fazer as transcrições foi necessário escolher um sistema notacional para grafia da linha de pandeiro e também, uma escolha para se notar a linha rítmica advinda da inclusão da baqueta. Para tal, escolhemos a notação elaborada por Carlos Stasi, somando uma linha complementar abaixo da convencional para escrita da linha executada pela baqueta.



O sistema notacional proposto por Stasi é constituído de apenas uma linha, diferentemente do pentagrama. Esta linha é utilizada para localizar as notas que deverão ser tocadas na parte superior do pandeiro com as pontas dos dedos e na parte inferior do pandeiro com a base da mão ou o polegar. Se a nota estiver acima da linha, deve-se tocar na parte superior do pandeiro usando a ponta dos dedos (parte superior da mão) e se estiver abaixo, com a base da mão ou o polegar (parte inferior da mão). Dessa maneira se estabelece uma relação direta entre a posição das notas com relação a linha e a manulação, reforçando a relação entre a partitura e a execução.

Para definir o timbre a ser tocado ele altera o desenho da cabeça da nota, essas alterações são propostas para os diversos usos dos sons graves e médios que são executados tanto pela ponta dos dedos como pela base da mão. Nesta mesma dinâmica ele também utiliza a haste sem cabeça de nota, que representa o som das platinelas ou soalhas. Objetivando contemplar a diversidade timbrística do pandeiro, ele sugere a adição de símbolos complementares aos que já foram mencionados.

A duração das notas é representada segundo a linguagem convencional variando com o tipo de figura rítmica utilizada.

A necessidade de escolher um sistema notacional se dá, pois, "mesmo sendo o instrumento de percussão mais popular no Brasil, é importante frisar que ainda não existe uma padronização da escrita para o pandeiro brasileiro" (Gianesella, 2012, p. 191).

Assim, escolheu-se o sistema de Stasi por se tratar de uma escrita objetiva, em que o menor número de informações visuais é utilizado para facilitar a fluência da leitura. Para além de sua capacidade de síntese e representação simbólica clara, outra característica importante para que este sistema notacional fosse escolhido foi sua flexibilidade, pois, de acordo com Gianesella (2012, p. 193), "o sistema de Stasi pode ser acrescido de outros sinais de acordo com a necessidade de suas próprias composições".

Contribuições e possibilidades para o ensino do Zabundeiro, a partir do sistema de notação de Stasi

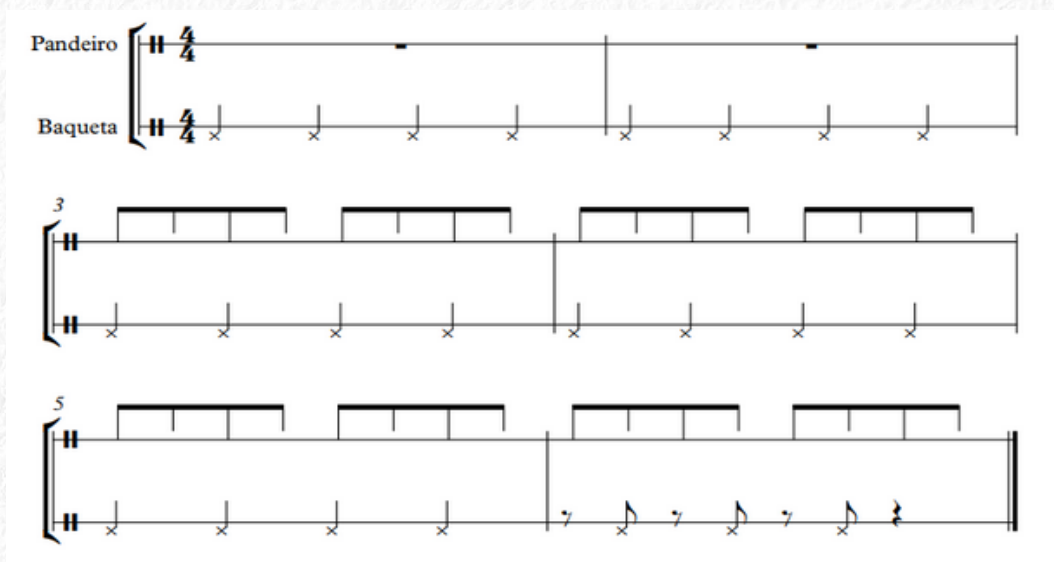
A partir de agora serão apresentadas algumas transcrições para tornar mais visíveis as possíveis contribuições do Zabundeiro para o ensino do pandeiro, relacionando os pontos



levantados anteriormente no texto com as notações utilizadas. Importante ressaltar, que os vídeos utilizados como material para estas transcrições foram feitos pelo próprio Daniel Guedes, exclusivamente para este fim.

Por meio das transcrições é possível perceber qual o caminho didático de elaboração dos exercícios, e também como o autor desenvolveu a construção. Sempre tendo em mente que, no momento da criação destes exercícios, Daniel Guedes pretendia, antes mesmo de ensinar, criar um caminho para aprimorar a técnica recém-criada. A seguir iniciam-se as análises e exemplificações através dos exercícios.

Figura 2: Transcrição dos primeiros exercícios propostos por Daniel Guedes para o estudo da técnica Zabundeiro.



Fonte: acervo pessoal do autor.

Começando pelo primeiro sistema da Figura 2 em que aparecem apenas notas a serem percutidas pela baqueta, observa-se que Daniel, antes de tudo, pretendia desenvolver proficiência no novo gesto que se diferencia das maneiras convencionais de se usar a baqueta.

Ao se analisar o que o exercício propõe, e quais habilidades seriam possíveis de se trabalhar com ele, vê-se que o objetivo poderia ser: trabalhar o gesto de percutir com a baqueta no corpo do pandeiro, ou no máximo, uma noção de ritmo medido. Tal proposta como primeiro passo para o estudo do Zabundeiro é uma escolha pertinente visto que, em termos de progressão, não se teria um ponto anterior a este em que se aprende o gesto agregado de manuseio da baqueta.



O segundo sistema da Figura 2 traz a inserção de dois elementos de uma só vez. Nele é adicionado a execução da condução de platinelas em padrão de colcheias, feita de forma a alternar agudos encontrados na parte superior e inferior do pandeiro, estabelecendo simultaneamente uma relação de dobro e metade entre a linha da baqueta e a linha do pandeiro. Entende-se aqui como possibilidade intermediária, um exercício que proponha tocar apenas uma nota ao pandeiro em conjunto com a nota tocada pela baqueta e, então, depois deste exercício, caminhar para o que foi proposto no segundo sistema.

O terceiro sistema da Figura 2 apresenta uma proximidade maior do segundo sistema em termos de progressão didática, pois o padrão tocado na linha do pandeiro se mantém, e apenas a linha da baqueta apresenta uma mudança. Antes a linha da baqueta tocava na primeira colcheia e agora passa a ser tocada na segunda colcheia. Para observar outras contribuições da técnica apresenta-se outra transcrição:

Figura 3: Transcrição do Maracatu tocado com a técnica Zabundeiro



Fonte: acervo pessoal do autor.

No maracatu pode-se exemplificar algumas das potencialidades do Zabundeiro para o ensino de pandeiro em um contexto onde a técnica é usada para performar uma linha rítmica independente da performada pelo pandeiro. A função que a baqueta assume nesta transcrição é a função rítmica ocupada pelo gonguê na instrumentação do maracatu.

O gonguê toca a clave central do maracatu. A possibilidade de trazer este elemento para o pandeiro, enriquece e ajuda a transmitir um sentido estético idiomático mais íntegro do referido gênero. Assim, tornando-a mais próxima da experiência de ouvir o maracatu em sua forma convencional, pois assimila à performance mais um elemento sonoro representativo de sua estrutura. Desta maneira o uso da técnica acaba por contribuir para que o pandeirista tenha entre outras coisas, a possibilidade de vivenciar a execução do ritmo e sua clave simultaneamente.

Ainda outra potência para o ensino se dá no âmbito do desenvolvimento de uma maior independência entre membros. A esse respeito é possível observar no ensino do Zabundeiro uma forma de introduzir o estudo de leitura rítmica a duas vozes e, ainda, uma maneira de ajudar o pandeirista a entender de forma clara a relação entre a clave central de dado ritmo musical e alguns dos outros instrumentos que aparecem na instrumentação original desse.

Uma vez que o pandeiro é um instrumento que aglutina outros para a formação dos ritmos que irá executar, de modo que no caso do maracatu, pode-se dizer que as notas graves representam a voz executada pelas Alfaias e as platinelas performam o que seria o Mineiro ou Ganzá, ao performar a clave e o ritmo, as localizações das semicolcheias e colcheias que formam as três vozes (Gonguê, Alfaia e Mineiro) ficam mais claras, tornando mais fácil perceber onde cada voz se encontra ou não com a clave.

Constatações sobre o ensino do Zabundeiro e suas contribuições para o ensino do pandeiro (considerações finais)

Usando as transcrições acima como ponto de partida para possíveis caminhos didáticos para o ensino e aprendizagem do Zabundeiro, algumas constatações e sugestões apareceram. Foi possível constatar que o Zabundeiro não é uma técnica de fácil acesso para pandeiristas iniciantes devido ao tipo de coordenação motora ligado à técnica.

Esta mesma constatação demonstra que o Zabundeiro pode ser uma ferramenta didática muito útil para realizar o estudo de independência com pandeiristas que estejam nesse momento de sua aprendizagem.

É possível afirmar que para se chegar ao estudo do Zabundeiro o pandeirista deve possuir um repertório técnico que abarque as possibilidades mais convencionais do instrumento, uma vez que percebemos que para se executar os ritmos utilizando o Zabundeiro é necessária uma certa mobilidade entre os mesmos.

O Zabundeiro pode ser classificado como uma técnica estendida avançada, pois, o estudante deve aprendê-la uma vez que já esteja familiarizado com o repertório técnico do pandeiro sem o uso da baqueta. Outro fator pertinente para o aprendizado do Zabundeiro é a experiência prévia com instrumentos e padrões rítmicos usados com a baqueta quando há a utilização de uma linha rítmica independente advinda de um outro instrumento. No maracatu é



de grande valia o percussionista ter experienciado o gonguê em seu contexto original por exemplo.

As possibilidades de construção de uma didática própria para o ensino do Zabundeiro são diversas e podem gerar caminhos para pesquisas diversas. Nesse artigo o principal objetivo foi apresentar esta técnica e suas contribuições para o ensino do pandeiro podendo ser um ponto de partida para trabalhos futuros.

Referências

BARBOSA, Kátiusca Lamara dos Santos. *Marcos Suzano: inovações técnicas, tecnológicas e influências na performance do pandeiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

CHERRY, Amy K. *Extended Techniques in Trumpet Performance and Pedagogy*. Cincinnati, 2009. 315 f. Thesis (Doctor of Musical Arts) - Division of Research and Advanced Studies, University of Cincinnati, Cincinnati, 2009.

GIANESELLA, Eduardo Flores. O Uso Idiomático dos Instrumentos de Percussão Brasileiros: principais sistemas notacionais para o pandeiro brasileiro. *Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 188-200, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/23359>. Acesso em: 19 jul. 2025.

GUEDES, Daniel. [Depoimento concedido à Thales Pereira]. Belo Horizonte, 14 dez. 2022. 23 segundos. Disponível em: <https://youtu.be/EUCfKVP5X5A>. Acesso em: 19 jul. 2025.

LACERDA, Vina. *Pandeirada Brasileira*. Curitiba: Edição do Autor, 2007.

LAMATTINA, Thiago Soares. *Pandeiro Sinfônico: uma proposta de ampliação de suas técnicas de execução*. São Paulo, 2024. 82 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

NUNES, Martinêz Galimberti. *A performance de técnicas estendidas a partir dos estudos Viola spaces de Garth Knox e sua aplicabilidade na Sequenza VI de Luciano Berio*. Belo Horizonte, 2013, 101 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

POTTS, Brian James. *Marcos Suzano and the Amplified Pandeiro: Techniques for Nontraditional Performance*. Tese (Doctor of Musical Arts) – University of Miami, Coral Gables, 2012.



VASCONCELLOS, Daniel. *Técnicas estendidas para violão: hibridização e parametrização de maneiras de tocar*. Campinas, 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

